

Revista Adventista

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

No limiar do novo ano

O último cumprimento das profecias

Foi um ano de espantosas surpresas e de agitados dias, o de 1940. Presenciámos, atónitos, o derrocar de nações cansadas e o despertar de novas energias, como último fulgor de uma civilização moribunda.

A guerra actual trouxe radicais transformações nas condições europeias de vida. «Um resultado, na sua formidável e universal repercussão, é já certo: o enfraquecimento definitivo da hegemonia europeia, condição e essência até hoje da civilização moderna. Vença quem vencer há nesta guerra já um vencido: a Europa». (Editorial do *Diário de Notícias*, em 13-12-1940).

Mas por mais importância que revistam os vários acontecimentos observados, há um facto que sobreleva como digno da nossa atenção alerta — o rearmamento dos Estados Unidos.

À medida que os países da Europa e do Oriente se vão rapidamente depauperando (só a Gran-Bretanha gasta com a guerra nada menos de 12.500.000 libras por dia), os Estados Unidos adquirem duplicada riqueza e renovado poder.

Lembremo-nos por um lado, que os Estados Unidos possuem quasi todo o ouro do mundo, que a si mesmos se bastam para a produção da maior parte das matérias primas, e que é quasi ilimitada a sua capacidade manufatureira, tendo também em consideração a inesgotável fonte de riqueza que constitue o fornecimento de material bélico à Inglaterra, com o rendoso sistema: «Cash and Carry» (Pague e leve).

Por outro lado, tenhamos em mente a sua intensiva produção de aviões, navios, material de guerra em todas as modalidades, o serviço militar obrigatório abrangendo actualmente mais de 10 milhões de homens, a sua união num bloco ofensivo e defensivo com o Canadá. E se êste é o primeiro rodar da engrena-

gem, que não será dentro em breve, quando a celeridade aumentar e se encontrar em plena acção?

Ora êste facto reveste um significado especial para os que estão «atentos», à «palavra dos profetas», «como a uma luz que alumia em lugar escuro». Não será o início do cumprimento de uma profecia bíblica?

Emquanto quasi todas as profecias se referem ao Velho Mundo, uma há que parece referir-se aos Estados Unidos, claramente indicando o tempo do seu surgimento, a natureza dos seus princípios e a parte verdadeiramente espantosa que desempenhará nos negócios do mundo.

A profecia encontra-se em Apoc. 13, a começar no vers. 11.

A primeira parte dêste capítulo descreve-nos o levantamento do poder que se ergueu sobre as ruínas do império romano, os seus progressos através dos séculos, até que recebeu uma «chaga mortal», e depois o seu lento esforço para recuperar a perdida preeminência. E logo a seguir, no vers. 10, lemos: «Se alguém leva em cativo, em cativo irá», palavras que se aplicam, segundo as melhores interpretações, ao modo como acabou o poder temporal do papado nos fins do sec. 18.

Depois João escreve: «E vi subir da terra outra besta e tinha duas pontas semelhantes às de um cordeiro, e falava como o dragão».

São de notar os pormenores do símbolo.

Em primeiro lugar, esta nova «besta» ou nação, ou poder, aparece no quadro quando a outra é levada em cativo.

Depois, ao contrário dos outros animais da Bíblia, êste sobe «da terra». Os «mares» representam «povos, e multidões, e nações, e línguas» (cap. 17:15), de sorte que por con-

traste «a terra» parece referir-se a uma região mais ou menos desabitada.

Esta «besta» tem duas pontas «semelhantes às de um cordeiro», sugerindo a idéia do pacifismo.

É ainda de notar que o animal, ao contrário do outro apresentado neste capítulo, não tem coroa na cabeça nem nas pontas, o que leva a ver na nação em causa mais um república do que uma monarquia.

Finalmente «falava como o dragão». (O dragão que deu à primeira besta «o seu poder, e o seu trono e grande poderio» [cap. 13:2] foi o Império Romano).

Podemos perguntar agora: Que poder se foi levantando, à medida que ia declinando o poder temporal de Roma no final do séc. 18? Que poder, nessa mesma altura, foi subindo «da terra» numa região que, ao contrário da populosa Europa, era escassamente povoada e e se assemelhava a um grande deserto? Que nação, levantando-se em tal lugar e em tais circunstâncias, baseou a sua constituição, e portanto o seu poder e influência, em dois princípios de cordeiro, a liberdade civil e religiosa? Apenas uma, — os Estados Unidos.

Por fim, sob a condução directa da providência de Deus, a América, a nação cordeiro ia atingir a maturidade, aumentando poderosamente em riquezas, prestígio e poder. «E falava como dragão».

Jamais, nos tempos passados, a América ocupou esta posição. Mas está-se operando uma mudança. O cordeiro há-de falar como

um dragão. Não foi possível até hoje, não é possível ainda, mas sê-lo-á talvez amanhã.

Que o diga Roosevelt: «Uma vez executado o nosso programa de rearmamento, a América tornar-se-á invencível e não receará bater-se seja contra que bloco fôr, embora dêle façam parte poderosos impérios.» (*Diário de Notícias*, 3-10-940).

Nessa altura falará com o poder e autoridade da Roma imperial.

E depois? Depois, alguma cousa de belo se terá submergido na voragem do passado, e algo de tremendo se manifestará na invasão do futuro.

Será testemunha o novo ano dêesses acontecimentos previstos? Disse, e muito bem, o Dr. Augusto de Castro, em seu editorial de 9-11-940 no *Diário de Notícias*: «Há qual-quer coisa de vulcânico sôbre a terra.» Irromperá o vulcão em 1941?

Para a América se voltam os nossos olhos, vendo o primeiro fumejar de um novo Etna. A seu respeito lemos na *Vida Mundial*, de 2-11-940:

«Vivemos a hora mais grave do destino dêesse continente: agora se resolverá se há-de subsistir a antiga ordem de coisas ou se terá que estabelecer-se outra nova».

Não cremos que subsista a antiga ordem de coisas. Esperemos que as últimas predições proféticas se realizem em breve, e se inicie uma nova ordem, que vá terminar no universal estabelecimento do reino de Cristo sôbre a terra.

A existência de Deus, provada pelas obras da criação

Os milhões de áureos lustres coruscantes
Que estão d'azul abóbada pendendo:
O sol, e a que ilumina o trono horrendo
Dessa, que anima os pávidos amantes:

As vastísimas ondas arrogantes,
Serras de espuma contra os céus erguendo
A leda fonte humilde o chão lambendo,
Lourejando as searas flutuantes:

O vil mosquito, a próvida formiga,
A rama chocalheira, o tronco mudo,
Tudo que há Deus a confessar me obriga:

E para crer num braço, autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

Sentimentos de conformidade, colhidos na religião

Se considero o triste abatimento
Em que me faz jazer minha desgraça,
A desesperação me despedaça
No mesmo instante o frágil sofrimento:

Mas súbito me diz o pensamento
Para aplacar-me a dor, que me trespassa,
Que êste, que trouxe ao mundo a lei da graça,
Teve num vil presepe o nascimento:

Vejo na palha o Redentor chorando,
Ao lado a mãe, prostrados os pastores,
A milagrosa estréla os reis guiando:

Vejo-o morrer depois, ó pecadores,
Por nós, e fecho os olhos adorando
Os castigos de Deus como favores.

Porque cada Adventista do Sétimo Dia deve ler e reler «O Conflito dos Séculos»

Sabeis, caros irmãos, que *O Conflito dos Séculos*, que nos foi dado por Deus, traz a mensagem que interpreta, correctamente, os grandes acontecimentos a desenrolarem-se em tôrno de nós, instruindo-nos na maneira de enfrentá-los? Os juízos de Deus, nas sete últimas pragas, cairão logo sôbre os ímpios. O momento presente constitue a nossa última oportunidade para chamar os pecadores ao arrependimento. Cumpre-nos proclamar o evangelho eterno em todo o mundo, conforme é indicado na terceira mensagem angélica de Apocalipse 14. Deus envia-nos apressadamente, para dar a advertência contra a besta, sua imagem e seu sinal, chamando o povo à completa obediência aos mandamentos divinos, exortando-o a preparar-se para a vinda do Senhor. Êste é o trabalho dos adventistas do sétimo dia.

Especialmente as cenas finais da grande luta entre as fôrças do bem e do mal, são claramente descritas nos últimos capítulos de *O Conflito dos Séculos*. Por meio do Espírito de profecia, os derradeiros actos do grande drama dos séculos são, nesse livro, vividamente apresentados diante de nós. Cada adventista do sétimo dia deve ter êsse precioso volume, e lê-lo *agora*, entesourando as bênçãos que êle contém.

A iminência da volta do Senhor e a nossa necessidade de uma preparação completa para êsse solene acontecimento demanda que estudemos o último conselho de Deus, dado através do Espírito de profecia. Devemos, desde agora, fortalecer-nos para o tempo de aflição. O apóstolo S. João diz que «todo o mundo se maravilhou após a besta». Apoc. 13:3. Todo o mundo será enganado. Também nós? Sim, a não ser que compreendamos claramente o desfecho da grande luta que se nos depara. E onde podemos nós ter uma clara visão dos princípios envolvidos no agigantado conflito, senão nos capítulos finais de *O Conflito dos Séculos*? Em nenhuma outra parte!

Os espíritos de demónios estão incitando as nações para a última batalha. Satanaz procurará falsificar a vinda de Cristo. Todos os que não conhecerem as Escrituras serão enganados. Tudo isso é descrito em *O Conflito dos Séculos*.

As violências e as terríveis cenas da guerra indicam que o Espírito de Deus está sendo rapidamente retirado da terra. O importante facto de que o Senhor, por meio de sua serva, esplanou, claramente, em *O Conflito dos Séculos* mais do que em qualquer outro livro do Espí-

rito de profecia os perigos reais e o verdadeiro refúgio, constitue um convite divino para estudarmos e fazermos circular, mais do que nunca, êsse excelente volume.

As seguintes palavras da autora devem impressionar o coração de todos com a presente necessidade de ler e reler, fervorosamente, com oração, *O Conflito dos Séculos* :

«Mediante a iluminação do Espírito Santo as cenas do prolongado conflito entre o bem e o mal foram patenteadas à autora destas páginas. De quando em quando, me foi permitido contemplar a operação, nas diversas épocas, do grande conflito entre Cristo, o Príncipe da vida, o autor da nossa salvação, e Satanaz, o príncipe do mal, o autor do pecado, o primeiro transgressor da santa lei de Deus...»

«À medida que o Espírito de Deus me ia revelando à mente as grandes verdades da Sua palavra, e as cenas do passado e do futuro, era-me ordenado tornar conhecido a outros o que assim fôra revelado, delineando a história do conflito nas eras passadas e especialmente apresentando-a de maneira a lançar luz sôbre a luta do futuro em rápida aproximação.» (*Conflito dos Séculos*, p. 12, 13).

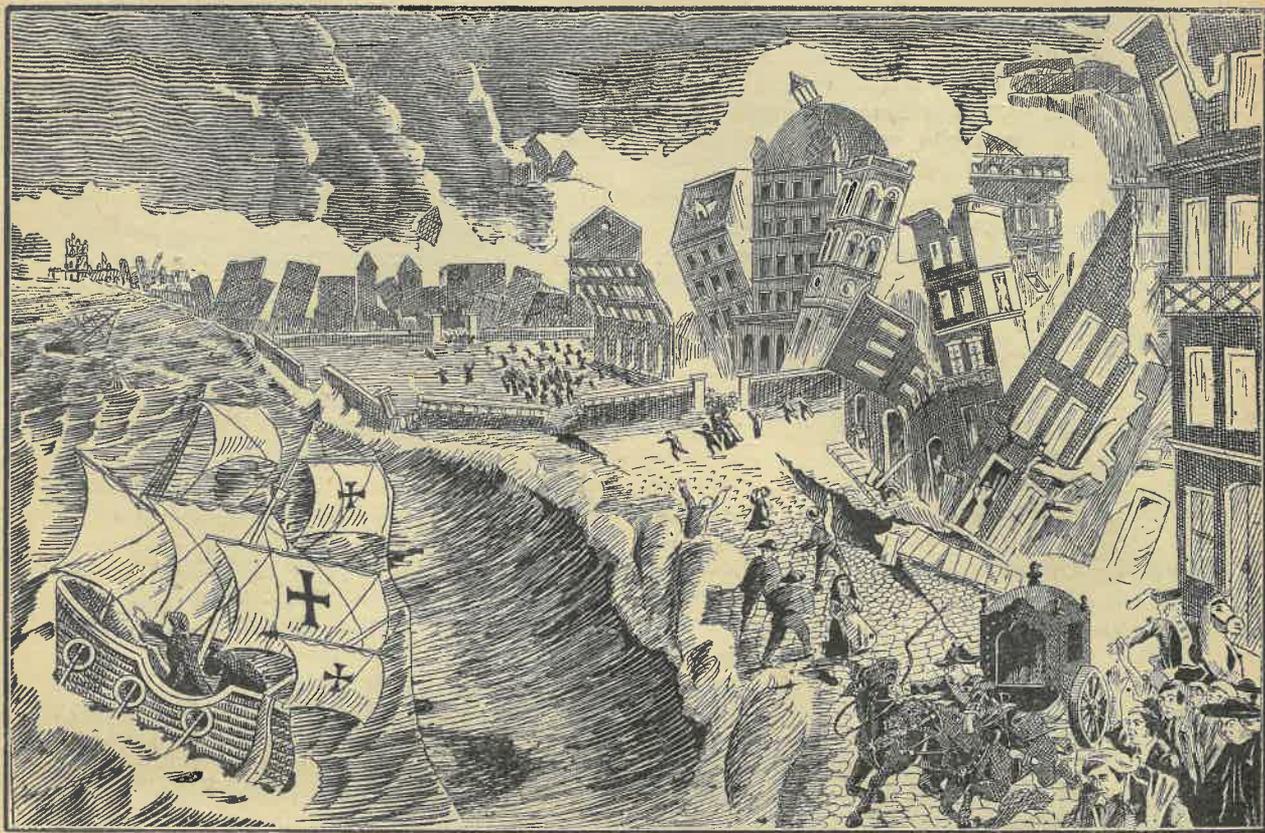
O Conflito dos Séculos deve ser largamente disseminado. Ele contém a história do passado, presente e futuro. Ao descrever as derradeiras cenas da história da terra, dá um poderoso testemunho em favor da verdade. Estou ansiosa por ver uma vasta circulação dêsse livro, mais do que qualquer outro que tenha escrito, porque em *O Conflito dos Séculos* a última mensagem de advertência ao mundo é dada mais distintamente que em qualquer outro dos meus livros.» (H. G. White, carta 281, de 1905).

Irmãos, vamos ler e reler *O Conflito dos Séculos* !

H. J. Detwiler

NOTA DA REDACÇÃO

Acabada de sair e publicada no Brasil, temos uma nova edição de «O Conflito dos Séculos», corrigida e com a mesma paginação da edição inglesa.



O terremoto de 1 de Novembro de 1755

Costumamos apresentar êste acontecimento como realização da profecia de Apoc. 6:12: «E, havendo aberto o sexto sêlo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra».

Julgo ser interessante lembrar essa tragédia à luz dos documentos coevos, que se encontram em geral manuscritos no Arquivo da Tôrre do Tombo, e que o leitor poderá encontrar na melhor obra que existe sôbre o assunto: «O terremoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal e um estudo demográfico», em 3 volumes (Lisboa, 1919-1928), por Francisco Luiz Pereira de Sousa.

Descrição

Estamos no dia de Todos os Santos, celebrado com grande imponência religiosa na Lisboa beata do sec. 18. Como é dia de guarda, todo o bom lisboeta assiste à santa missa, não vá suceder que os argos da inquisição farejem heresia em casa.

Pelas nove e meia, nove e três quartos, as igrejas apinhadas de fiéis, ouve-se súbitamente um clamoroso urro subterrâneo, que a alguns parece carruagem grande rodando apressada.

Prolonga-se por seis a sete minutos, com duas intermitências, êsse horroroso estrondo. Um clamor angustioso sai das bôcas aflitas; entretanto as paredes dos edifícios abalam, encurvam-se e ruem; abrem-se no solo estreitas, mas extensas, fendas; a luz do sol escurece, talvez devido aos vapores que sobem da terra; a poeira dos edifícios em derrocada espalha-se pelo ar, adensa-se, tornando a atmosfera irrespirável e impedindo que se veja a pequena distância.

Há gemidos de moribundos, enquanto os vivos se acotovelam, sem saber para onde se voltar, arrastando-se às cegas...

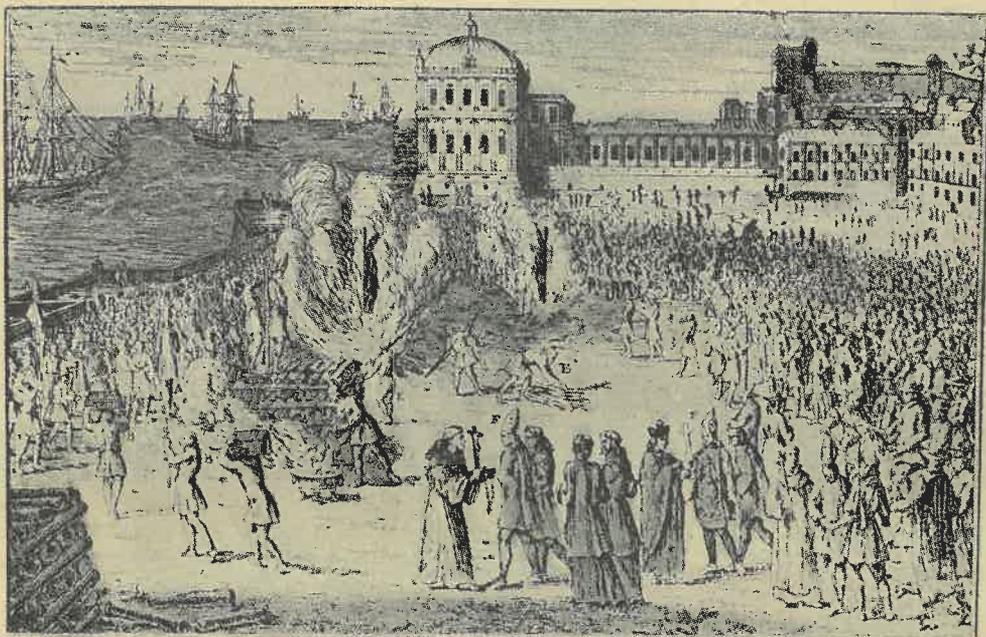
Às convulsões da terra, sucedem-se as convulsões das águas, que por três vêzes se afastam das margens, precipitando-se em seguida

encapeladas com renovada fúria, submergindo e arrastando pessoas e coisas...

Parece que já a fúria dos elementos cessou; há ainda muita gente viva, muitas casas de pé. Mas eis que de súbito se declara em várias partes da cidade um violento incêndio, que se vai alastrando e semeando o pânico. Muitos

que ficaram as freguesias religiosas de então, e que não é difícil de localizar, visto muitos dos nomes prevalecerem ainda, assim como grande parte das respectivas igrejas paroquiais restauradas.

Ficaram queimadas as freguesias de S. Julião, S. Justa, S. Nicolau, N. S. da Conceição,



O Terreiro do Paço, vendo-se ao fundo o Palácio Real, que desapareceu com o terremoto

(*Grav. da História das Inquições*)

fogem para o Terreiro do Paço, julgando-se ali ao abrigo do fogo, em virtude da ampla superfície do largo. Mas a breve trecho, as chamas lambem todos os edifícios, começam a a crestar aos fugitivos os fatos, os cabelos e finalmente os corpos, que ficam horrorosamente queimados. Das várias casas e ruas há um debandar constante, procurando cada um furtar os haveres à voragem das chamas. Entretanto, malfeitores entram impunemente nas casas, roubam, ferem, matam...

Durou o incêndio uns cinco ou seis dias. Ao cabo dêles, grande parte da cidade era um montão de ruínas.

Prejuízos causados¹

Para avaliarmos a extensão dos prejuízos na área da cidade, basta-nos observar o estado em

Santa Maria Madalena, Santa Maria (Sé); S. João da Praça, S. Cruz do Castelo, S. Bartolomeu, S. Jorge, S. Mamede, Mártires, Sacramento, Loreto, Chagas, S. Paulo e Encarnação.

Ficaram arruinadas as freguesias de S. Vicente, S. André, S. Salvador, S. Pedro, S. Miguel, S. Lourenço, S. Cristóvão, Anjos, Pena, Socorro, S. Catarina, Mercês e S. Martinho.

Imunes restaram apenas as freguesias de Ajuda, S. Isabel, Santos, S. Tomé, S. Tiago, S. Martinho, S. Estêvão, S. Engrácia, S. José e S. Sebastião da Pedreira.

Pelo terremoto propriamente dito e particularmente pelo incêndio, ficaram em ruínas 12.000 casas particulares.

Igual sorte coube a alguns dos principais edifícios da cidade, como o Palácio Real (no Terreiro do Paço), cuja biblioteca de 70.000 volumes ficou em cinzas; o Palácio Patriarcal; a Casa da Índia; a Alfândega; o Palácio do Tesouro; o Palácio do Senado da Câmara; a Casa da Ópera; sete Teatros; a Torre do Tombo, no Castelo de S. Jorge; o Palácio da

¹ Este parágrafo é baseado na informação do ms. 1229, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Inquisição (no sítio onde hoje é o Teatro Nacional), etc..

Foram as igrejas, porém, que mais sofreram com a catástrofe, devido em parte à altura das suas paredes, em geral desprotegidas de contrafortes.

Era uma cidade de numerosas igrejas, a Lisboa de setecentos. Temos debaixo dos olhos os nomes das 203 igrejas, ermidas e capelas de conventos, que existiam então na capital.

Eis a sorte que tiveram :

| | |
|--|-----------|
| Conventos em que houve fogo..... | 15 |
| Conventos arruinados..... | 21 |
| Conventos que ficaram de pé..... | 28 |
| Conventos de freiras arruinados..... | 13 |
| Conventos de freiras conservados | 13 |
| Igrejas e ermidas em que houve fogo.. | 19 |
| Ermidas arruinadas | 13 |
| Ermidas que ficaram de pé..... | 81 |
| | <hr/> 203 |



A Igreja do convento do Carmo, ruidada no terremoto e actualmente Museu Arqueológico

Número de mortos

Elevava-se aproximadamente a 260.000 o número dos habitantes de Lisboa em 1755. Dêsses, quantos terão morrido ?

Vários têm sido os cálculos mais ou menos arbitrários a respeito do número dos mortos. Escritores houve que apresentaram cêrca de dois têrços ou metade dos habitantes de então ; outros 100.000 ; outros 90.000 ; outros 30.000 ; etc..

O número hoje aceito geralmente em Portugal e baseado em cálculos de Moreira e Mendonça, contemporâneo do terremoto, é bem mais reduzido. Preguntou êste autor a várias pessoas de cada rua quantos os mortos nessa rua ; colheu informações dos párocos das diferentes freguesias, os quais nesse tempo estavam, como é sabido, mais em contacto do que hoje com a vida dos seus paroquianos ; iguais informações colheu das comunidades religiosas, do clero, da nobreza, dos empregados do Estado, dos officiaes mecânicos, etc.. Ora o número que êle apresenta é de apenas 10.000 mortos, ou seja cêrca de 4 % da população da cidade. Devemos dizer, porém, com o citado autor : «O número de pessoas que morreu por causa do terremoto, incêndio e mar será sempre inaveriguável com certeza física.»

Extensão do Terremoto em Portugal

Com mais ou menos intensidade fez-se sentir de Norte a Sul de Portugal. Eis o que nos é narrado a respeito dos efeitos do sismo nos dois extremos do país :

Minho — «Não ficou casa, templo, ou edificio que no terremoto do primeiro de Novembro de mil setecentos e cincoenta e cinco, não padecesse tal ou qual ruína e a muitas lhe caíram pedaços de parede de sorte que se não poderão mais habitar sem reparos.» (Informação relativa a Santo Estêvão de Valença do Minho, pelo pároco António Lourenço Lopes, em 23 de Abril de 1756).

Algarve — «Lagoa, 3 de Novembro de 1755. — Não se pode referir sem lágrimas o deplorável estado em que deixou a todo o reino do Algarve o formidável terremoto que padeceu no primeiro dia do corrente, porque em todo êle não houve cidade, vila, fortaleza, lugar ou aldeia, que não experimentasse mais ou menos ruína.» (De uma carta, escrita da Lagoa, e que vem no n.º 47, de 1755, da *Gazeta de Lisboa*).

Sua extensão no mundo

Podem ver-se no jornal de então, *Gazeta de Lisboa*, nos números referentes ao ano de

1756, notícias detalhadas de haver sido sentido o terremoto ou o maremoto que se lhe seguiu, nas seguintes regiões: Espanha, França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Suécia, Noruega, Finlândia, Marrocos, Madeira, Açores, Ilhas Barbadas (Antilhas) e Brasil.

Destas regiões, o terremoto apenas teve efeitos verdadeiramente catastróficos em Marrocos.¹

Na Europa do Norte fêz-se sentir com intensidade ainda bastante pronunciada, como vemos na seguinte carta de Estocolmo, datada de 20 de Janeiro de 1756 (*Gazeta de Lisboa*, 1756, n.º 8): «A extraordinária agitação que o tremor que teve a terra no primeiro dia de Novembro passado, causou em vários rios e lagos de Alemanha, se observou quasi na mesma hora, e com circunstâncias semelhantes nos das províncias de Dalcária, e de Warmelândia; porém nos lagos de Trixem, e Storaleed, situados na fronteira de Noruega se notou, que durante a extraordinária crescente das suas águas, se abateu o território com um movimento visível; e foi subindo depois à medida que as águas deminuíam nos mesmos lagos.»

Na América só se fêz sentir, ao que parece, o maremoto, e não o terremoto propriamente dito. É o que nos dá a entender, por exemplo, o seguinte officio que se conserva manuscrito no Arquivo da Marinha:

«Chegando a êste pôrto do Recife a 11 do corrente, tranquilizei o ânimo do receio que me acompanhava de que esta parte da América tivesse sofrido o mesmo contratempo, que nessa côrte se espalhou haviam experimentado as colónias que no setentrional tem a nação inglêsa e francesa, porém achando isenta de tôda a ruína esta capitania, e não me constando que em todo o estado que S. M. possui neste continente houvesse mais que uma enchente à mesma hora e no primeiro dia de Novembro em Tamandaré, Itamaracá, a qual por ser em praia deserta não causou mais incómodo, que alguma destruição nas casas de alguns pescadores. Recife de Pernambuco, 28 de Fevereiro de 1756.— O Governador, Luiz Diogo Lobo da Silva.»

Como vemos, foi extensíssima a área de influência do terremoto de 1755. Diz um autor estrangeiro, o conde de Montes de Bellere (*La science sismologique*, 1904, p. 194): «C'est, sans doute, l'ébranlement sismique le plus étendu que l'on connaisse; il a franchi l'Atlantique.»

Comentários que motivou

O terremoto de Lisboa motivou para cima de uma centena de obras, por tôda a Europa, de carácter mais religioso e filosófico, do que propriamente informativo.

De todos os comentários feitos cremos, porém, que o de maior interesse foi escrito por um evangélico português, Francisco Xavier de Oliveira, o Cavaleiro de Oliveira, então residente em Inglaterra, fugido à Inquisição.

Logo em 1756, publicava em francês o *Discours pathétique au sujet des calamités présentes, arrivées en Portugal*¹ e no mesmo ano em inglês: *A Pathetic Discourse on the Present Calamities of Portugal*, etc..

Foi esta obra dedicada e enviada pelo autor ao Rei D. José I, interpretando o terremoto como castigo de Deus pela idolatria do povo português, no próprio dia em que prestava culto a Todos os Santos. E dirige-lhe um veemente apêlo a que termine com o Tribunal da Inquisição, dando liberdade para a leitura da Bíblia em língua vulgar e para a prática do verdadeiro Cristianismo.

Como resposta a êste apêlo, foi condenado «por convicto no crime de heresia, e apostasia, e que foi, e ao presente é, herege apóstata de nossa Santa Fé Católica, e como tal convicto, negativo, pertinaz, revel e contumaz, e que incorreu em sentença de excomunhão maior e em confiscação de todos os seus bens para o Fisco e Câmara Real, e nas mais penas em direito contra semelhantes estabelecidas, e o excluem do grémio da Santa Madre Igreja.»

Pouco depois fêz-se auto público de fé, no claustro do convento de S. Domingos de Lisboa, onde compareceu não o Cavaleiro de Oliveira, mas... apenas o seu retrato.

Pensamos que o dito retrato não chegou a negar que o Terremoto constituía um castigo de Deus ..

Ernesto Ferreira

Polemistas, sim! Mas honestos!

Como o Ir. A. J. Girou se encontra no estrangeiro, em condições de difícil comunicação, é interrompida por enquanto a série de artigos que vinha sendo publicada sob a epígrafe supra.

A Redacção

¹ Vid. L. Gentil e Pereira de Sousa — *Sur les effets au Maroc du grand tremblement de terre en Portugal en 1755*, Paris 1913.

¹ Em 1922 foi publicada em Coimbra uma elegante edição fac-simile desta obra.

Através do mundo Adventista

Os crentes na Rússia — «Todos os crentes na mensagem do Advento estão ansiosos por ouvir a respeito das experiências dos filhos de Deus na grande República Soviética. Nas recentes mudanças de limites das várias nações na Europa, alguns pequenos países ou províncias vieram a fazer parte da Rússia. Ha igrejas adventistas e crentes em todos esses distritos. Eles têm sido sempre leais cidadãos. Muitos deles conhecem a língua russa e amam a Rússia. Muitos têm parentes e amigos nessa república. No momento presente, é animador saber que há mais tolerância religiosa na Rússia do que havia em anos anteriores. Quando passei pela Sibéria e Rússia há pouco mais de um ano, vi muitas provas de uma liberdade mais ampla e de um interesse mais profundo pela religião. Na embaixada americana em Moscow foi-me dito que era este o caso.

Numa carta recente, o ir. A. V. Olson escreve a respeito dos nossos crentes que agora pertencem à Rússia:

«Algumas notícias chegaram até nós a respeito dos nossos membros da parte da Roménia tomada pela Rússia. Pelo menos até um mês depois da ocupação, quando recebemos as ultimas notícias, era permitido aos nossos membros continuar as suas colectas e o seu trabalho. Têm sempre tido baptismos, e uma reunião de obreiros, e em várias localidades se lhes tem pedido para ocupar os púlpitos deixados vazios por pastores de igrejas pertencentes a outras denominações religiosas, tendo esses pastores ido para a Roménia propriamente dita. Por todas estas bênçãos agradeçamos a Deus, e oramos para que elas possam continuar e produzir abundantes frutos. Os nossos membros da região dedicaram sete quartas-feiras sucessivas para jejuar e orar pela protecção, auxílio e bênção de Deus. Pediram-nos para que orassem por eles. Esperamos que os nossos crentes romenos que foram transferidos para a Hungria tenham a protecção de Deus como os da Bessarábia e da Bukovina do norte.»

Certamente que todos responderemos ao seu pedido de orações. O Senhor ama os Seus filhos da mesma maneira em todos os países, e auxiliá-los-á a ser fieis e a praticar o bem onde-quer-que se encontrem.

L. H. Christian.

União Britânica — Escreve o ir. H. W. Lowe, presidente da União Britânica, em carta de 4 de Setembro:

«A nossa obra continua animada de uma maneira muito mais normal do que alguns membros estrangeiros parecem pensar. Amanhã, por exemplo, abrimos uma nova escola secundária que dá a educação adventista aos jovens, de acôrdo com o programa oficial. É a primeira vez na nossa história que se oferece à nossa juventude nesta União o ensino entre a escola primária e a universidade.»

O serviço militar obrigatório nos Estados Unidos — Foi no dia 16 de Outubro o alistamento de algum milhões de jovens, em obediência às novas leis desse país a respeito do serviço militar obrigatório. Elevou-se a 4.000 o número dos jovens adventistas alistados então. Facultando a lei a escolha para ramos não combatentes no exército, os nossos jovens foram educados nas nossas escolas de igreja e conferência, com uma

intensiva educação não *militar*, mas *médica*. Foi então escrito pelo ir. C. B. Haynes na *Review and Herald*: «Que eles (os nossos jovens) façam planos para ir para o serviço como missionários, sabendo que foram comissionados para procurar o bem, manter a vida humana e salvar almas para o reino de Deus. Quatro mil missionários instruídos, mantidos, vestidos, alojados, e colocados em seus campos de serviço a expensas do Governo! Isto não é uma calamidade; é sim uma grande oportunidade, aberta para nós pela providência de Deus.»

O naufrágio de um livro — Um dos nossos colportores-evangelistas descia o Amazonas, num pequeno barco. Em dado momento a corrente tornou-se tão forte que o barco se virou, lançando tudo no rio, inclusive a pasta do colportor. A grande distância dali, um indivíduo banhava-se no rio e viu um objecto estranho flutuando sobre a água. Apanhou-o e pô-lo ao sol para secar. Lendo o que ali estava aceitou a Verdade. Era um dos livros adventistas que o nosso colportor perdera no rio. Agora, foi organizada ali uma escola sabatina com trinta membros.

Uma criança os guiará — «Numa povoação uma menina de dez anos estava atenta ao que o pastor da igreja pregava. As suas palavras de tal maneira a interessaram, que passados dias informou o irmão de que desejava ser baptizada. Quando o pastor a sondou a respeito dos conhecimentos da verdade, ela deu mostras de ter ouvido cuidadosamente o seu ensino. Depois o presidente da Missão do Rio Espírito Santo foi àquele lugar para visitar a igreja. Viu que a menina estava vivendo uma vida cristã. Ela informara sua mãe de que a sua consciência lhe não permitia ir à escola oficial no Sábado, nem comer carne de porco. E assim, pedira autorização para assistir à escola adventista.

Peidiu permissão do director do campo para ser baptizada. O ministro que devia administrar o rito, manifestou as suas objecções para baptizar uma menina tão nova, dizendo que não era seu costume baptizar meninas dessa idade. O ancião sugeriu que o ministro a interrogasse a respeito do seu conhecimento da verdade, para ver o que ela sabia.

A todas as perguntas da natureza das apresentadas geralmente aos candidatos para o baptismo, ela deu uma resposta satisfatória. O ministro confessou que nunca tinha visto nada de semelhante. Interrogou a mãe e o pai, que estavam presentes, a respeito da sua vida em casa. Ainda que eles não eram adventistas, deram testemunho da vida mudada de sua filha. Ela foi baptizada, e poucas semanas mais tarde seu pai, mãe e irmão foram também baptizados. «Uma criança os guiará».

Visitando uma colónia de leprosos — Na ilha de Santa Cruz, nas Antilhas, há uma leprosaria, onde alguns dos doentes aceitaram a Verdade como resultado do trabalho de um fiel Adventista da ilha.

Da sua visita à leprosaria, dá-nos conta o irmão W. Amundsen, nas linhas seguintes:

«A colónia de leprosos fizemos uma interessantíssima visita. Foi comunicado que nós iríamos, e à nossa chegada encontramos cerca de vinte e cinco

Concílio do Outono de 1940

Prezados irmãos :

Aqui estamos na grande cidade de St. Pau onde está reunida a Conferência Geral no seu Concílio do Outono deste ano. Fomos convidados, minha esposa e eu, para assistir a esta importante reunião mundial como os únicos representantes da Divisão Sul-Europeia. Neste concílio se encontram obreiros do mundo inteiro. Nossos irmãos da Europa não estão aqui devido à guerra, exceptuando apenas um de Inglaterra. Estamos estudando planos para avançar mais rapidamente no mundo, embora estejamos em tempos terríveis para a causa de Deus.

Que alegria seria encontrar-me com todos vós, aqui, nesta importante reunião. Há pregações lindas de irmãos de longa experiência. O irmão Presidente da Conferência Geral abriu a reunião com uma pregação explicando o grande problema mundial de evangelização do mundo em face da guerra e das ameaças de guerra. O irmão Spicer, ex-presidente da Conferência Geral, animou todos com seus sábios conselhos a terem cada vez mais fé, apesar de o mundo se estar rapidamente aproximando do seu fim. Nunca vi tanta alegria e união entre um grupo de obreiros como nesta reunião. Todos estão alegres, mas com uma alegria grave. Nosso irmão Wright, de Africa, contou experiências interessantes daquele «Continente Negro», com os seus milhões de pagãos. Diz êle que falou a um grupo de 30.000 africanos numa Escola Sabatina. Um grupo de pretos ficou todo o dia para ouvir a Palavra de Deus. Um chefe apresentou-se a um nosso obreiro em Angola e disse-lhe: «Aqui estou. Já temos pronta nossa escola e casa para o professor e família. Também temos o jardim plantado como o sr. pastor pediu, e também um pouco de dinheiro para ajudar a pagar o salário.» O obreiro teve de baixar a cabeça e de dizer que não tinha nenhum professor e que era necessário esperar até que houvesse algum preparado. O chefe entrou no quintal do obreiro e falou com um rapaz que tinha aprendido algumas instruções na escola adventista. Levou consigo êste rapaz, que está trabalhando até que chegue outro... São necessários obreiros em Moçambique e noutras partes.

Estamos reunidos no principal Auditório desta cidade. Chegou hoje o Governador Civil com mais dois homens, e falou com os obreiros dizendo que estava muito satisfeito em ter os Adventistas nesta cidade e ficou muito triste quando ouviu dizer que a Conferência Geral não vai reunir-se aqui na primavera de 1941.

Quando D. Edith e eu chegámos ao grande salão, em todos os bancos estavam marcados lugares para delegados do mundo inteiro tomarem o seu lugar, mas nós fomos os únicos da nossa Divisão que estávamos presentes para ajudar a resolver os problemas. Houve oportunidade para explicar a nossa obra e desejos. Logo alguém chegou e se assentou atrás de nós e perguntou: «Irmão e Irmã Mansell dos Açores, não é verdade?» Quem falou era alguém que tinha lido os relatórios no Tri-mensário da Escola Sabatina e conhecia a nossa obra ali e na Ilha da Madeira. Falou do irmão e irmã Hermanson também. Logo começaram a cantar «Dentro em breve iremos para o Lar». E lembramo-nos de todos os nossos queridos irmãos. Um irmão chamado Gilbert dirigiu-nos em oração. Êle era judeu antes de convertido. Que doces palavras naquela oração, quando pediu estas bênçãos no nome de Jesus. Tinha chegado a achar seu Salvador como todos nós.

O irmão Rogers levantou-se e apresentou o seu relatório mundial desta grande obra. Vou apenas citar algumas passagens desse relatório: No fim de 1939 havia: 486.670 Adventistas no mundo, membros baptizados. Diz êle que no ano de 1873 havia apenas 4.801. Estamos anunciando a mensagem em 820 línguas ou seja uma nova língua *cada seis dias*. Já estamos trabalhando em 404 países e ilhas. Naturalmente, inclui nestas ilhas, Madeira, Açores, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, etc. A colecta de donativos em todo o mundo deve trazer para a causa de Deus um milhão de dólares. Leva mais de 12, por minuto, sustentar esta grande obra e há pessoas que têm a honra de entregar ao tesoureiro da igreja 12, graças a Deus. Quando ouvimos êste grande relatório lembrei-me dos nossos irmãos portugueses da América, Portugal e de todo o mundo onde esta linda língua é falada.

Na reunião de ontem à noite o nosso irmão Neilsen, da Divisão Sul Americana, apresentou o seu relatório. Falou do zelo dos colportores. Contou como um deles entrou no palácio do presidente do Peru que... logo percebendo que êle vendia livros tratou de despachar o caso. Dizia êle: «Só tenho tempo para mais *duas palavras*.» O colportor sabia como agir e tirou do seu casaco a caneta e apresentou o prospecto, dizendo: «Assine aqui!» e recebeu a assinatura do presidente. Deus abençoe nossos colportores.

Hoje é sábado e um dia cheio de alegria. Há tantas pregações e relatórios a respeito do

trabalho em todo o mundo, como China, Japão e as ilhas do mar. Lembro-me de uma história de dois colportores das Filipinas, então contada. Entraram estes dois numa pensão e venderam um livro, suscitando tanto interesse que falaram todo o dia com aquêles a quem o venderam. No dia seguinte, que era sábado, êste foi para a rua e chamou muitos amigos para assistir a uma Escola Sabatina em sua casa. Chegou muita gente ao quintal da pensão. Um colportor entrou numa janela e começou a ler a lição da Escola Sabatina e o outro na outra janela respondia com a Bíblia aberta. Depois da lição o povo não se quis ir embora, e enquanto um dirigiu uma pregação, o outro estava buscando passagens para outra. Assim continuou todo o dia. A obra vai avante naquela terra, embora a guerra esteja tão perto. O Japão avisou os Adventistas do Sétimo Dia para não darem mais dízimos nem ofertas. Diz que tinham que dar ao governo para fabricar armamentos. De qualquer maneira os Adventistas deram sempre a Deus o que Lhe pertencia, e a obra vai avante... e vai melhor do que nunca.

A China tem quasi quinhentos milhões de habitantes. Dizem que se um homem ficar num canto da rua e 150 chineses passarem em cada minuto, levará sete anos e meio para que todos passem. Há guerra na China, como todos sabem. O lar de um obreiro estava bombardeado pelos inimigos e êle fugiu. Semanas depois voltou com outros em barcos, sendo ao todo umas 36 pessoas, 6 em cada barco. Perto desta cidade os soldados começaram a metralhar o primeiro e o segundo barcos. Quando estava a chegar a vez ao último, o nosso irmão estava orando e pediu a todos que orassem também ao único Deus que tem poder para salvar. Oraram e o inimigo foi-se embora sem molestar qualquer dêles. Na Inglaterra morre muita gente por causa dos bombardeamentos. O irmão Read contou-nos que estava de visita numa reunião, quando chegaram os aeroplanos com bombas. Tocaram as buzinas de alarme e os outros ao redor da igreja fugiram para os refúgios subterrâneos. Quando os que assistiam à reunião perguntaram se não deviam também esconder-se, o pregador respondeu: «Não temos costume de fugir no Sábado. Deus está conosco»; e até agora nenhuma bomba tocou em qualquer parte desta igreja. Na Inglaterra, com a guerra, só morreram dois Adventistas, 3 na Finlândia, 2 na Polónia, e 2 na Noruega!! Apesar da guerra há mais livros vendidos naquelas regiões do que no ano passado. O governo da Inglaterra mandou terminar a colecta de donativos em dois meses, e os Adventistas fizeram o alvo no tempo marcado, quando antes tinha levado cinco meses.

Que alegria para Edith, minha esposa, que

encontrou o ministro que a baptizou há uns vinte anos. Agora, irmãos, não temos tempo para mais. Temos que viajar e ir ter com os nossos filhos, que não vemos há mais de dois meses. Recebemos muitas cartas, e embora seja difícil mandar e receber cartas nêstes dias por causa dos perigos em terra e mar, lembramo-nos de todos vós e desejamos receber cartas de todos vós. A nossa direcção é: General Conference, Takoma Park, Washinton, D. C. USA. Não podemos dizer quando vamos embarcar para os Açores. Estamos orando e pedimos aos irmãos que orem por nós. Temos todos os planos de nos encontrar de novo com os nossos irmãos nas ilhas dos Açores, mas se não fôr possível, encontrar-nos-emos na Terra Nova onde não há separação. Que cada um de vós nos perdoe qualquer ofensa, porque desejamos ser salvos com todos vós. Estamos com saúde, especialmente D. Edith. Esta carta é para todos vós.

Vossos irmãos em Cristo

Pastor E. P. Mansell e esposa

Através do mundo Adventista

(Conclusão)

peessoas reunidas no pequeno edificio que lhes serve de capela. Dois de nós falámos brevemente a respeito do amor de Cristo por nossas almas e do sacrificio feito por nós, e depois demos oportunidade aos leprosos para falarem. Quatro dêles eram crentes baptizados e cada um deu o seu testemunho. Imaginai que estais vendo leprosos, homens com os dedos das mãos e dos pés meio comidos, com partes das orelhas já desfeitas, com grandes manchas em sua faces, levantarem-se e louvarem a Deus pelas suas misericórdias e amor para com êles.

«Finalmente levantou-se um homem com uma perna de pau. Era um homem de boa aparência, em nada leproso, e eu estava maravilhado ao olhar para êle. Quasi estremei com as suas palavras quando êle disse: «Agradeço a Deus por me ter mandado para uma colónia de leprosos. Eu não sou leproso.» E então contou a sua história. «Pensava-se que eu tinha lepra quando fui mandado para aqui; uma perna estava tão mal que a amputaram. Depois de a terem cortado, estudaram-me e examinaram-me melhor e viram que eu não era um leproso. Então disseram-me que era livre para voltar para casa ou ingressar no asilo de velhos se desejasse. Era livre enfim de ir para onde quisesse. Mas eu disse que preferia continuar onde estou. Eu tinha aceitado a verdade e tinha-me feito Adventista do Sétimo Dia durante aqueles meses, e por isso desejava continuar aqui. Desejava trabalhar por outros que vieram para aqui, e por aqueles que aqui estão e ainda não aceitaram a verdade».

O meu coração foi tocado com o testemunho dêste irmão. «Agradeço a Deus por me ter mandado para uma colónia de leprosos.» Podia eu dizer isto se estivesse no seu lugar? Aprecio eu assim a mensagem? Estas e outras perguntas me atravessavam a mente. E quanto a ti, leitor, amas tu a verdade como aquêles? Serias capaz de encerrar a tua vida numa colónia de leprosos para ganhar alguém?.

ESCOLA SABATINA

Uma transformação testemunhada

Era o primeiro Sábado que eu passava na cidade onde ia estabelecer residência. Fui cedo para a igreja, afim de poder familiarizar-me com o novo meio e encontrar-me com alguns dos alunos da Escola Sabatina. Poucos minutos depois de termos tomado os nossos lugares, éramos distraídos por um garoto de sete ou oito anos, coberto de sardas e com o nariz pelado, cujos trejeitos tiravam a atenção a todos os presentes.

O director, como outros, chegou tarde aquela manhã. Quando ela (por acaso o director era uma irmã; mas deixem-me dizer que algumas das mais bem orientadas e interessantes escolas sabatinas a que assisti têm sido dirigidas pelas nossas irmãs) chegou e tomou o seu lugar à mesa da frente, ofegando ainda por ter andado à pressa, começou a esfolhear um hinário, levantou em seguida os olhos e perguntou se alguém queria escolher um hino. Mas de tal maneira nos tinham chamado a atenção a pressa e a sua respiração ofegante, que nenhum de nós tinha um hino em mente. Ela percorreu rapidamente as folhas do livro e finalmente parou por acaso num hino.

Todos nós demos um suspiro de alívio.

Depois de termos cantado, ela olhou para a congregação durante alguns segundos — que pareceram muito mais longos — e pediu a um bom irmão que dirigisse a escola em oração. Ajoelhámos. O irmão não tinha sido convidado com antecedência, e evidentemente que o seu espírito estava um pouco confuso; a sua oração foi longa, havia um sussurro pela igreja, e os crentes estavam cançados antes de ser pronunciado o «Amen».

A secretária leu o seu relatório numa voz velada e cantante, chamando a atenção para o total das ofertas que a escola tinha dado nos doze Sábados precedentes, pois que êste era o décimo terceiro Sábado do trimestre. Nenhum programa tinha sido planeado para o dia, e não havia ordem de mais na escola.

A directora disse que quando tivéssemos chegado ao côro do hino seguinte, os meninos iriam para os seus respectivos lugares. Assim fizeram; o garoto das sardas empurrava-os a todos.

E assim ia correndo a Escola Sabatina, sem se notar interesse de maior por parte de ninguém. Era uma escola sabatina desatenta — alguns cochichando — os pequenos desassossegados, e muitos indiferentes. As ofertas foram fracas.

Foi eleito um novo director para o trimestre seguinte, e pude notar então uma repentina mudança. Apesar de serem as mesmas pessoas que assistiam, havia nova vida na escola. Os monitores estavam mais àlerta, e havia entusiasmo e ardor nas classes. O relatório do secretário falava de algumas classes com cartões de honra, e de ofertas que dobravam as dos Sábados passados.

O garoto das sardas tornou-se mais atento, porque um monitor que tinha aprendido a prender a atenção das crianças havia sido pôsto à frente da classe; e em vez daquelas crianças que guardam para si tôda, ou uma parte, dos seus donativos da escola sabatina, estavam entusiasmados em poupar para a oferta do seguinte Décimo Terceiro Sabado.

Sucedia de eu dar uma vez por outra um penny ao pequeno das sardas por alguns pequenos serviços ou atenções, e a princípio êle corria invariavelmente a uma doçaria próxima, e voltava com um rebuçado, ou alguns outros doces. Por acaso tomei um quarto em casa dêsse rapaz. Um dia, depois de ter saído numa tournée de visitas à conferência, voltei a casa e lá se encontrava o pequeno.

Desejava acender uma braseira no meu quarto; e para isso desci a buscar carvão e o garoto seguiu-me. Quando o carvão estava no cesto, insistiu para o ajudar a trazer para o quarto. Ele estava mais prestável do que tempo antes. Disse-lhe eu: «Clinton, antes nunca te vi tão amigo de ajudar. Explica-me como se fez essa mudança?»

Disse ele: «Eu lhe digo, Pastor Piper, é que nós temos uma nova professora da Escola Sabatina, e ela deu a cada um de nós na classe um envelope em que devemos guardar os pennies que poupamos para o 13.º Sabado.» Então correu e foi buscar, para eu ver, o seu envelope que estava cheio com os pennies que êle tinha poupado.

Observei: «Como é que conseguiste arranjar tanto?»

«Oh», disse êle, «a minha professora disse que queria ver quanto é que nós podíamos fazer para o próximo 13.º Sabado; por isso estou a poupar todo o meu dinheiro agora, e já tenho mais do que qualquer outro rapaz. E tudo o que me der por o ajudar vou-o pondo também no meu envelope».

Sob a condução do novo director a escola estava sossegada e em ordem, e os professores pareciam todos prender a atenção dos seus

PARA OS JOVENS**Lendo o espírito de profecia****Os escritos da Ir. White e o programa dos liceus**

Não é verdadeira a concepção que apresente a Ir. White como desaconselhando o estudo. Ela, pelo contrário, preconizou sempre o mais alto desenvolvimento de tôdas as faculdades intelectuais do homem em geral, e particularmente da juventude escolar.

«É bom que a juventude sinta que deve atingir o mais alto desenvolvimento de suas faculdades mentais. Não desejaríamos restringir a instrução, à qual Deus não fixou limites.» — *Ministry of Healing*, p. 449.

«Desejo que ninguém receba das palavras que escrevi a impressão de que o nível da educação em nossas escolas deva de algum modo ser abaixado. Cada estudante devia lembrar-se que o Senhor requiere que êle faça de si mesmo tudo o que é possível, para que possa também ensinar aos outros sàbiamente. Os nossos estudantes deviam fazer trabalhar as suas faculdades mentais; cada faculdade devia atingir o desenvolvimento mais alto possível.» — *Counsels to Teachers*, pp. 393-394.

Êste desenvolvimento intelectual não se confina porém ao estudo da Bíblia, mas estende-se a todos os ramos do saber: «Recomendamos a cada estudante o Livro dos livros como o mais elevado estudo para a inteligência humana,

alunos. Quanto às crianças, quando chegava a altura de as distribuir pelas suas classes, os professores conduziam-nas sossegadamente e em ordem sem confusão.

Para o décimo terceiro Sábado, o director planeou um curto programa em que crianças, jovens e adultos tomaram parte. Ela dispôs o nome «ÍNDIA» — era a êsse campo que se destinava o excesso do Decimo Terceiro Sábado — em grandes letras azues, que estavam presas com linha preta e estendidas a tôda a largura da igreja. Parecia que estavam suspensas no espaço sem suporte, porque ninguém podia ver a linha que as prendia. O programa não foi longo, mas bem preparado. O relatório da secretária revelava que a oferta era mais do que três vezes superior à que tinha sido dada pela mesma escola sabatina no trimestre anterior.

Tornai interessante a escola sabatina, e ela crescerá e prosperará. Os vários alvos serão alcançados sem dificuldade, os corações serão ganhos, e almas salvas para o reino de Deus.

o livro que contém o conhecimento essencial para esta vida e para a vida futura. Mas não encorajo a depressão do nível educacional no estudo das ciências. É clara a luz que foi dada sôbre êste assunto, e em caso algum deveria ser desprezada.» — *Ibid.*, p. 395.

O programa dos Liceus

Estarão incluídas no quadro dos estudos aconselhados nos livros da Ir. White, as disciplinas que constituem o nosso actual programa dos Liceus? Vejamos o que ela diz sôbre algumas dessas disciplinas em particular.

Português — «Mais importante que a aquisição de linguas estrangeiras, vivas ou mortas, é a habilidade de escrever e falar a lingua materna com facilidade e precisão; mas nenhuma habilitação adquirida por meio do conhecimento das regras gramaticais pode comparar-se em importância com o estudo da lingua de um ponto de vista mais elevado. Em grande parte se acha ligado a êste estudo a ventura ou a desventura da vida.» — *Educação*, p. 234, 235.

Linguas vivas (francês e inglês) — «Eu não digo que se não devem estudar as linguas. Deviam estudar-se as linguas.» — *Fundamentals of Christian Education*, p. 536.

«A familiaridade com as linguas das diferentes nações é um auxílio na obra missionária.» — *Counsels to Teachers*, p. 518.

Linguas mortas (latim) — «Há vocações em que é necessário o conhecimento do grego e latim. Alguns deviam estudar estas linguas. Mas o seu conhecimento essencial para usos práticos pode ser obtido sem o estudo da litteratura corruta e corrutora.» — *Ibid.*, p. 382.

Ciências — «Na verdadeira ciência nada pode haver de contrário aos ensinamentos da Palavra; porque ambas têm o mesmo autor. Uma compreensão correcta de ambas estabelecerá que estão em harmonia. ... A investigação científica abre ao que estuda assim um vasto campo de meditação e de exploração. Contemplando as coisas da natureza, adquire uma percepção nova da verdade. O livro da natureza e a Palavra escrita esclarecem-se mutuamente. Fazem-lhe conhecer cada vez melhor o Criador, revelando-lhe seu carácter e as leis pelas quais êle opera.» — *Ministry of Healing*, p. 462.

Matemática — Não encontramos nos escritos da Ir. White nenhuma frase concreta a este respeito, mas vêmo-la elogiando suas várias aplicações práticas, desde a escrituração comercial até à astronomia, que requerem, como é sabido, o estudo e conhecimento desta disciplina.

História — «Há um estudo de história que não deve ser condenado. A história sagrada era ensinada nas escolas dos profetas. Mostrava-se ali a intervenção divina na história das nações. É igualmente sob este ponto de vista que hoje devemos estudar a história. Devemos ver nela a realização da profecia, nela estudar a obra da Providência nos grandes movimentos de reforma e compreender os acontecimentos que levaram ao último conflito da grande controvérsia. Tal estudo alarga as vistas sobre a vida, e auxilia-nos a compreender como estamos ligados à grande família humana, e até que ponto a crueldade ou a degradação de um de seus membros faz sofrer todos os outros.» — *Counsels to Teachers*, p. 380.

Música e canto — «Nunca se deve perder de vista o valor do canto como meio de educação. Haja canto no lar, de hinos que sejam suaves e puros, e haverá menos palavras de censura e mais de animação; esperança e alegria. Haja canto na escola, e os alunos serão levados para mais perto de Deus, dos professores e uns dos outros.» — *Educação*, p. 167.

Educação física — «O estudante que, com tempo e recursos limitados, luta para obter educação, deve compreender que o tempo dispendido no exercício físico não é perdido. Aquele que constantemente se acha inclinado sobre os livros, notará, depois de algum tempo, que a mente perde sua frescura. Os que dão a devida atenção ao desenvolvimento físico, farão maior progresso nos ramos intelectuais do que se seu tempo fôsse todo dedicado ao estudo.» — *Ibid.*, p. 208, 209.

Lavores e Trabalhos manuais — «Tanto quanto possível, deve haver em conexão com cada escola, facilidades para a educação manual. . . . O ensino manual merece muito mais atenção do que tem recebido. Devem-se estabelecer escolas que, em acréscimo à mais elevada cultura intelectual e moral, provejam as melhores possibilidades para o desenvolvimento físico e educação industrial. Deve-se ministrar instrução em agricultura, manufacturas, abrangendo tantos dos seus mais úteis ramos quanto possível; bem como em economia doméstica, arte culinária higiênica, costura, confecção de roupas higiênicas, tratamento de doentes, e coisas correlativas.» — *Ibid.*, p. 217, 218.

Educação moral e cívica — Esta disciplina tem como função característica a integração do aluno nos princípios fundamentais do Cristianismo, fazendo dê-lo um crente sincero e um

caracter recto. Quanto à sua primeira função, desnecessário será dizer que se encontra absolutamente de acôrdo com os ditames do Espírito de profecia. Quanto à segunda, são elucidativas as seguintes palavras: «A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o carácter. O mundo não necessita tanto de homens de grande intellecto, como de carácter nobre. Necessita de homens em quem os conhecimentos sejam dirigidos por princípios firmes.» — *Educação*, p. 225.

Condição indispensável para o êxito

Se é verdade que tôdas as disciplinas do programa dos liceus constituem ótimos elementos para o desenvolvimento das várias faculdades humanas, é verdade também que de pouco aproveitarão se o professor que as ensina as não encaminha segundo o espírito de Cristo. Todo o professor, sob pena de ser inútil o seu trabalho, deve ser ao mesmo tempo um sacerdote — formando nos alunos um carácter recto e bondoso, levando-os a reconhecer a Deus através das várias disciplinas e fazendo de cada um dêles outros tantos filhos de Deus. Nestas condições, a sua missão nobilíssima frutificará em crentes sinceros neste mundo e em almas ganhas para a vida eterna.

«Ao professor é confiada uma tarefa da máxima importância — tarefa a que não devia entregar-se sem cuidadosa e completa preparação. Devia sentir a santidade da sua vocação, e dedicar-se a ela com devoção e zêlo. Quanto mais verdadeiro conhecimento possuir o professor, tanto melhor será o seu trabalho. A sala de classe não é lugar para trabalho superficial. Nenhum professor que se satisfaça com conhecimentos superficiais atingirá um alto grau de eficiência.

«Mas não basta que o professor possua habilidade natural e cultura intellectual. Isto é indispensável, mas sem uma aptidão espiritual para êsse trabalho, êle não está preparado para o executar. Devia ver em cada aluno uma obra de Deus, — um candidato às honras imortais. Devia de tal maneira esforçar-se por educar, treinar e disciplinar os jovens, que cada um pudesse atingir o mais alto grau de excelência a que Deus o chama.» — *Counsels to Teachers*, p. 229.

Com professores desta natureza, as disciplinas do actual curso dos liceus, não só representam conhecimentos valiosos para a formação de homens úteis na vida presente; constituem também outros tantos degraus na educação de candidatos para a vida eterna.

NOTÍCIAS DO CAMPO

Presidente da União — Há já bastante tempo que não recebíamos notícias do nosso prezado Ir. Girou, presidente da União. Há dias chegou até nós uma pequena carta sua. Encontra-se em Paris, de saúde, mas impossibilitado de conviver com sua família, que está na zona não ocupada. Envia cordiais saudações para todos os irmãos da União, que por certo não irão esquecê-lo nas suas orações.

Conferência Portuguesa

Lisboa — Após um período de incerteza, devido às decisões oficiais sobre o ensino particular, abriu finalmente a nossa escola de igreja, tanto a secção primária como a secundária, e para ambos os sexos. De novo a nossa pequenada se encontra estudando com entusiasmo, sendo de notar o espírito cristão que os professores estão manifestando no seu ministério.

Outra dificuldade surgiu — a dos exercícios da Mocidade Portuguesa (à qual todos os alunos com mais de 10 anos e com menos de 14 são obrigados a pertencer sob pena de serem excluídos dos exames). Esses exercícios deviam efectuar-se justamente em dia de Sábado. As respectivas autoridades têm porém sido benévolas até ao presente nesse sentido, e esperamos que continuarão a sê-lo.

A Semana de Oração decorreu animada de profundo espírito cristão, para o que contribuíram não pouco as belas comunicações publicadas na nossa *Revista*. As reuniões foram largamente frequentadas, tendo a registar-se a alegre nova de algumas decisões tomadas então para um estudo mais profundo da Verdade por parte de algumas das nossas visitas.

Há a registar dois falecimentos, ultimamente ocorridos. Dormem no Senhor a Ir. Isabel Maria Afonso (f. em 21 de Novembro) e Henriqueta do Nascimento (f. em 26 de Novembro). Para as respectivas famílias, e de modo particular para a Ir. Elvira do Nascimento, filha da última irmã citada, vai a expressão do nosso pesar.

Portalegre — Não obstante as tremendas dificuldades da hora presente, e que por todo o lado se fazem sentir, e a despeito ainda de todos os preconceitos religiosos, bem como o desprezo e o ódio dos parentes e amigos: Sim! apesar de tudo isso, ainda há almas nobres e sinceras que buscam acima de tudo o reino de Deus e a sua justiça. Mateus, 6:33. Sim! há ainda heróis que deixam voluntariamente o conforto e o bem estar da família, a amizade incerta dos que se dizem seus amigos, bem como os vícios e prazeres mundanos, para se entregarem sem reservas a Jesus que os libertou, embora saibam que vão sofrer por causa da justiça de Cristo que agora regozijadamente professam. Mat., 5:11. Algumas almas há que tomam cada dia a sua cruz, logo de manhã ao levantar, dentro da sua própria casa, por obedecer antes a Deus do que aos seus familiares, que lhes fazem uma guerra sem tréguas, para os dissuadir da obediência devida e que eles voluntariamente tributam ao seu Salvador.

Jovens há que já há muito se encontram entre a espada e a parede; aflitos, perplexos, entre dois deveres sagrados, e ao mesmo tempo duas vontades opostas; a vontade do pai ou a mãe descrentes

e a vontade do Deus de amor. Todos os dias, quais heróis e mártires, decidem sofrer por Cristo, obedecendo antes a Deus do que aos homens. Actos, 5:29.

Homens há que são amantíssimos pais e estremos maridos, que disfrutaram a paz e a alegria, mas que sofrem agora o desprezo e o escárnio dos filhos e mulher, por obedecerem a Cristo.

Senhoras há também, que há muito tempo oram a Deus para poderem vencer as suas dificuldades dos seus descrentes maridos que as ameaçam, e saem vencedoras; outras há ainda ameaçadas de ficarem sem o pão de cada dia, mas cheias de confiança vão aos pés da cruz pedindo a força e protecção de Deus; reconfortadas pelos anjos pedem o seu baptismo; fazem um pacto com Deus, o de serem fieis até à morte ainda que para isso tenham que sofrer muitas dificuldades. Confessam publicamente pelo baptismo que dependem intimamente da protecção divina.

Temos pela graça de Deus, assistido a alguns destes belos espectáculos, e ainda no dia 9 de Novembro passado, tivemos a imensa alegria, bem assim como toda a Igreja de Portalegre, de assistirmos ao baptismo de oito preciosas almas. Almas nobres, sinceras e heróicas, que embora quasi todas lutando com as dificuldades acima descritas, venceram e sepultaram para sempre os seus pecados, nas frias águas dum rústico tanque, duma bondosa e amiga família dos subúrbios de Portalegre.

Cremos que em breve, outras preciosas e lutadoras almas, vencerão e se entregarão ao Senhor.

Permita Deus que em breve todas as almas sinceras do nosso querido Portugal estejam no aprisco do Salvador.

Com estas oito almas agora baptizadas, temos o prazer de registar a entrada de 22 preciosas almas na Igreja de Portalegre no ano que está decorrendo. Que Deus nosso Senhor permita alegrar todos os nossos Irmãos em todas as Igrejas do país, pelo bom número de almas renascidas dentro das mesmas, são os votos sinceros do vosso humilde irmão em Cristo Jesus.

Marcelino de Matos Viegas

Porto — Em meados de Dezembro escrevia-nos o irmão Otto Ide: «Graças a Deus o trabalho progride em todos os ramos da nossa actividade. De várias partes tenho pedidos para pregar o Evangelho. Tenho pena de chegarmos a ponto de ter de regeitar mais pedidos de novos lugares, porque tenho as noites todas tomadas e até nos domingos tenho três reuniões. Um grupo de interessados em Leixões fêz-nos a oferta de alugar uma pequena sala à própria custa. É pena que na Igreja do Porto não haja mais elementos que possam auxiliar. Tivemos reuniões de oração muito animadas.»

Tomar — O reino dos céus foi por Jesus comparado também a um grão de mostarda que, bem pequenino ao ser lançado à terra, se transforma, depois da sua germinação, crescimento e desenvolvimento, numa grande árvore. E comentando esta passagem, diz uma serva do Senhor: «Não é somente o crescimento do reino dos céus que é ilustrado pela parábola... mas também todas as fases do seu desenvolvimento.»

E mais adiante: «A parábola do grão de mostarda deve receber nesta geração um cumprimento triun-

fante. A pequenina semente tornar-se á uma árvore.» Isto está-se cumprindo na nossa geração em todo o mundo e conseqüentemente também em Tomar.

Há perto de vinte anos que a Mensagem do Advento aqui foi implantada. Bem restrito era o número dos obreiros evangélicos de então e por isso mesmo muito lento foi o desenvolvimento da obra aqui. Folheando as actas da Escola Sabatina vejo que numa reunião de 15 de Novembro de 1924, estavam presentes cinco membros e seis visitas. — Bem modestos eram êstes começos! Mas a semente já tinha germinado. Estava crescendo e o Senhor da seara estava cuidando da sua obra. Assim no primeiro sábado de 1938 — 14 anos depois — estavam presentes 28 membros e 4 visitas. Mais dois anos se passam e, em igual data do presente ano, contamos 43 membros e 11 visitas.

É assim que a ilustração do reino dos céus pelo grão de mostarda, tem também em Tomar o seu cumprimento, a tal ponto de que a pequenina semente se tornará numa árvore.»

M. Leal

Coimbra — Realizaram-se no dia 23 de Novembro os batismos de mais dois irmãos em Cristo, a quem ficamos fazendo votos de fé e perseverança.

Missão de S. Tomé

Por uma carta recebida há pouco do irmão José Freire vemos que não é só nos nossos países que se realiza a Campanha do Outono, mas também nos países de missão. Temos a alegre nova de que ali se alcançou o alvo proposto de 500\$00.

Mais importante ainda, é o interesse que vai aumentando pelo conhecimento da Verdade. Realizaram-se há pouco três batismos. Neste particular torna-se muito difícil o trabalho, visto que grande parte dos casais não estão constituídos legalmente, e para se baptizarem é preciso que celebrem antes o casamento de acôrdo com a lei. Não o podendo êles pagar, é a missão que tem de arcar com êsse encargo, o que nem sempre lhe é permitido pela sua situação financeira.

Esperamos que, com o auxílio de Deus, a Ilha de S. Tomé se torne em breve uma abundante seara de almas para o reino.

Missão de Cabo Verde

De uma carta do irmão Alberto Raposo extraímos as seguintes linhas: «Vejo pela *Revista Adventista* que tem havido polémica com os protestantes. A campanha que estão fazendo aqui é infame, e tem de ser desmascarada. Ultimamente têm distribuído nestas ilhas dois folhetos, pelo menos, intitulados *O Sabatismo, um sistema falso e É o Domingo e não o Sábado* cheios de mentiras e afirmações falsas. Estes folhetos desacreditam nos aos olhos do público e eu sei que até os católicos os leem com satisfação. Eu tenho escrito a resposta a essas falsidades nos próprios folhetos e estou mandando-os aos protestantes de outras ilhas. Agora dizem-me que o missionário que está na Praia vem de visita à Brava e já estou preparado para o abordar. Logo que chegue receberá uma carta convidando-o a ter um encontro comigo e mais pessoas que se interessam para provar nos as afirmações falsas dêsses folhetos. Estou convencido que não aceita mas êsse gesto vai ajudar-me a desmascará-los diante do público. Terei de fazer por êsse motivo um folheto em resposta às falsidades que espalham. Vejo nisso

grande necessidade. O meio protestante em Cabo Verde está bastante abalado com os folhetos que tenho distribuído, e espero que uma resposta clara e imediata vá decidir alguns para a verdade. Há já pessoas no Fogo que dizem que a sua igreja está na Brava. Da Praia também tenho recebido cartas muito interessantes dum mancebo que diz estar connosco e outros sei que estão no meio protestante também convencidos.»

Missão da Madeira

De uma carta do irmão Hermanson publicada na *Review and Herald* de 31 de Outubro último, respígamos as seguintes linhas:

«Aqui na Madeira há muito sofrimento e fome devido à guerra presente. A Madeira depende em grande parte dos turistas. Centenas e milhares de habitantes estão sem trabalho desde que os vapores de Inglaterra, França, Alemanha e de outros países deixam de trazer turistas para a ilha. Cada casa na Madeira constitui uma pequena oficina de bordados. Mulheres e crianças trabalham nesse mister desde o nascer ao pôr do sol. Mas desde que a guerra principiou, muito poucos bordados são vendidos, e portanto essa fonte de receita esgotou-se praticamente. O Governo está fazendo todo o possível para auxiliar o povo, mas a tarefa é tremenda, e é impossível socorrer cada família mesmo com as primeiras necessidades. Auxiliamos todos os que podemos, mas o que podemos fazer é menos do que uma gota de água num oceano em favor das necessidades mesmo dos nossos próprios membros. Quanto ansiamos por melhores dias no lar celeste! E' triste dizer-se que mesmo no meio dêstes estranhos acontecimentos alguns há que continuam descuidados, e que estão ébrios com os cuidados dêste mundo mau. Mas dá-nos alegria ver os que estão interessados com a sua salvação, e que se sentem felizes por ter recebido a luz do Evangelho.»

No princípio do presente ano escolar, nova dificuldade surgiu para a Missão que se viu impedida de abrir a sua escola e que ao mesmo tempo se encontrava sem professora diplomada. Em meados de Outubro, poucas esperanças havia de que o ano lectivo pudesse funcionar normalmente para os filhos dos nossos irmãos na Madeira. Em 15 dêsse mês escrevia o irmão Hermanson: «Agora parece que só podemos orar sôbre o assunto, deixá-lo nas mãos de Deus e conformar-nos com o resultado seja êle qual fôr... Será muito triste se não abriremos a escola êste ano.» As aulas tinham já principiado nas outras escolas; alguns dos nossos alunos para elas foram transitando. Tudo parecia perdido, apesar dos passos dados. Mas a fé não é uma palavra vã e o auxílio de Deus aos seus filhos não é uma utopia. Por isso, no dia 21 voltava-nos a escrever o nosso prezado irmão: «Acabamos agora mesmo de nos entrevistar com o Sr. Inspector que nos recebeu muito bem... Conforme nos disse, podemos abrir a escola e leccionar sem susto, êste ano. Grande vitória!» Hoje a escola da Missão da Madeira está funcionando, com uma professora diplomada, a irmã Dulce Ribeiro Vasco, e esperamos que possa funcionar de futuro com toda a normalidade.

Missão dos Açôres

Após sete meses da nossa permanência aqui, é tempo de vir dar aos nossos irmãos das diferentes partes do campo, algumas notícias da nossa Missão. Como é sabido, a Missão Açoreana abrange o ter-

ritório das nove ilhas que formam o Arquipélago dos Açores, descoberto em 1432 por Gonçalo Velho Cabral sob o impulso do grande Infante D. Henrique.

Fôram, portanto, os portugueses que descobriram estas terras, razão de veras importante, para, como portugueses, cuidarmos da sua evangelização.

A sede da nossa Missão encontra-se em Ponta Delgada, capital da ilha de S. Miguel, que é a mais importante e a maior de todo o Arquipélago. Na cidade de Ponta Delgada, com os seus 20.000 habitantes, temos a única igreja organizada. Esta igreja conta apenas 29 membros mas esperamos que não vem longe o dia em que ela duplicará. O número de inscritos na nossa classe baptismal e dos que estão procurando guardar os Mandamentos de Deus, aumenta em nós a confiança numa próspera colheita de almas. Temos também um grupo de interessados na ilha Terceira com quem mantemos contacto regular.

Os irmãos têm, de-certo, sido tocados pelo relato dos sofrimentos e dificuldades do povo nas missões africanas; pois, não precisamos de ir tão longe para nos darmos conta das necessidades, sofrimentos, superstições e pecados em que Satanaz mantém este pobre povo. As mais densas trevas espirituais cobrem estas terras. Ainda em Outubro passado, 15 a 20 mil pessoas (segundo o relato dos jornais locais), vindas de todas as partes da ilha, se deslocaram a Ponta Garça, uma pequena aldeia, onde um rapazinho de 13 anos apenas, Virgílio Kêgo, dizia ver e falar com a Virgem e que esta lhe afirmara, por mais de uma vez, fazer um grande milagre no dia 5 do referido mês.

Imagine-se o alvoroço produzido visto que fôram mobilizados todos os transportes e uma multidão caminhou dezenas de quilómetros para ver o pequeno falar com Nossa Senhora. Uma formação de polícia, comandada por sub-chefe, teve de permanecer no local acautelando, no seu casebre, o pequeno Virgílio, a quem todos, na ânsia de saber o que se ia passar, queriam falar, entolecendo-o com perguntas.

Afinal, o milagre não se deu, mas não faltou quem afirmasse ter-se o pequeno levantado, sem apoio algum, dois ou três metros acima do solo, ter o Sol começado a dar voltas sem fim e que a guerra iria acabar dentro de três semanas.

E' este um dos muitos exemplos que podia citar atestando as densas trevas em que vive esta pobre gente.

Os nossos irmãos açoreanos são sinceros, activos e amam a Obra de Deus. As dificuldades com que se debatem a maioria d'êles não lhes permite fazer maiores coisas pela Obra, mas procuram ser fiéis e unem os seus esforços aos nossos para avançar o Reino de Deus. O facto de viverem espalhados nas diferentes povoações da ilha, oferece uma melhor oportunidade para espalhar o conhecimento da Mensagem, se bem que nos dificulte mais o trabalho e não possamos, por êsse motivo, como era nosso desejo, dar-lhes uma mais assídua assistência religiosa.

As conseqüências da terrível guerra que ora ensanguenta o mundo, fazem-se aqui sentir duma maneira assustadora. Sabido é que esta ilha vive, sobretudo, da exportação dos seus principais produtos tais como: os ananazes, as bananas, o chá e o tabaco. Ao lado d'isto também constituia boa fonte de receita o apreciável número de turistas que acudiam à ilha em todas as épocas do ano.

Os principais mercados britânicos e alemães, para onde se canalizavam êstes produtos, encontram-se completamente encerrados. Confrange ver a paralização quasi total dos negócios, importantes esta-

belecimentos encerrados, a doca vazia de navios e uma população laboriosa a braços com a mais conflagradora crise que está levando a fome e a miséria a muitos lares.

Os nossos irmãos agradecem o auxílio que a União nos está dando para continuar a Obra aqui e apelem para as vossas orações. Nós acreditamos que em tempos tão difíceis Deus terminará a Sua Obra e que muitas almas serão salvas nesta Missão antes do fim. Todos os irmãos açoreanos vos saúdam.

Manuel Lourinho

«Isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono, porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitámos a fé.» — Rom. 13:11.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <i>No limiar do novo ano — O último cumprimento das profecias</i> | 1 |
| <i>A existência de Deus, provada pelas obras da criação — Poesia.....</i> | 2 |
| <i>Sentimentos de conformidade, colhidos na religião — Poesia.....</i> | 2 |
| <i>Porque cada Adventista do Sétimo Dia deve ler e reler «O Conflito dos Séculos»</i> | 3 |
| <i>O terremoto de 1 de Novembro de 1755....</i> | 4 |
| <i>Através do mundo Adventista</i> | 8 |
| <i>Concílio do Outono de 1940.....</i> | 9 |
| <i>Escola Sabatina — Uma transformação testemunhada</i> | 11 |
| <i>Para os jovens — Lendo o espírito de profecia</i> | 12 |
| <i>Notícias do campo.....</i> | 14 |

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Publicação bi-mestral

Director: *Dr. A. J. Girou*

Redactor: *Ernesto Ferreira*

Administrador: *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,

Rua das Picoas, G. F. C., 3.º — Lisboa-Norte

Número avulso..... 1\$00

Assinatura anual..... 5\$00

Composto e impresso na Imprensa LUCAS & C.ª

Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA